

# MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA TEORIA DA ECONOMIA FEMINISTA<sup>1</sup>

Mariane Thais Castro da Silva<sup>2</sup>

Lucia Marina Puga Ferreira<sup>3</sup>

## RESUMO

O objetivo desse artigo é realizar uma abordagem de entendimento da inclusão da mulher no mercado de trabalho com base na visão da teoria da economia feminista. A metodologia usada nesse trabalho é do tipo de pesquisa principal de revisão bibliográfica integrativa. Sendo assim, apresenta-se como uma pesquisa de procedimento bibliográfica de abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Tendo como base de dados literários o Google Acadêmico, o Scielo, o Periódico Capes e o NEEF. Para a construção da base teórica do presente artigo, foram utilizadas 10 referências ao todo. Destas referências, selecionaram-se apenas 4 para compor os resultados, tais obras foram avaliadas como as que fundamentaram expressivamente o desenvolvimento do trabalho. A partir disso, compreende-se que a economia feminista surgiu para contribuir na análise de uma problemática ao qual não encontra reflexões nas teorias tradicionais, principalmente, no *mainstream* econômico. Não obstante, as correntes interpretativas que inserem a categoria gênero nas análises de seus estudos, são impossibilitadas de desvendar os “porquês”, somente reduzindo-se a esclarecer uma relação de desigualdade. Através da construção deste presente trabalho, chegou-se ao entendimento de que apesar da evolução da mulher diante da sociedade, em referência aos seus direitos, a ciência da economia ainda é dominada pelos homens e entre todos os campos das ciências sociais, essa é a que apresenta a maior resistência na incorporação da questão das mulheres.

**Palavras-chave:** Economia Feminista. Mercado de trabalho. Gênero. Ciência econômica.

## WOMEN IN THE LABOR MARKET: AN APPROACH FROM THE FEMINIST ECONOMIC THEORY

### ABSTRACT

To perform an approach to understanding the insertion of women in the labor market based on the vision of the feminist economic theory. The work has the main type of research of integrative literature review. Thus, it is presented as a bibliographical research of a qualitative and exploratory approach. The literary databases used were Google Scholar, Scielo, Periódico Capes and NEEF. To build the theoretical basis of this article, a total of 10 references were used. Of these references, only four were selected to compose the results. From this, it is understood that feminist economics arose to contribute to the analysis of a problem which is not reflected in traditional theories, especially in mainstream economics. Nevertheless, the interpretative currents that insert the gender category in the analysis of their studies are unable to unveil the "whys", only reducing themselves to clarify a relation of inequality. Through the construction of this present work, it was possible to understand that despite the evolution of women in society, in reference to their rights, the science of economics is still dominated by men, and among all the fields of social sciences, this is the one that presents the greatest resistance in the incorporation of the women's issue.

**Keywords:** Feminist economics. Labor market. Gender. Economic science.

---

<sup>1</sup> Artigo de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

<sup>2</sup> Graduando em Ciências Econômicas. Universidade do Estado do Amazonas. marianethais@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do quadro efetivo da UEA. Doutora em Antropologia. lpuga@uea.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos houve uma expansão dos ensinamentos feministas, que apresentam uma grande influência em pesquisas acadêmicas e estudos que integram uma visão de gênero. Esse processo mudou o modelo de pesquisa que está sendo realizada tanto em filosofia, bem como na antropologia e aprendizagens sociais. E em se tratando das ciências econômicas, os estudos ao longo tempo vêm se desenvolvendo também, no entanto, lentamente. Tornando, portanto, os estudos voltados à abordagem feminista ainda muito recentes no campo econômico.

Neste cenário, de acordo com a Sempreviva Organização Feminista (SOF, 2014), a economia feminista propõe a ideia de interdependência substituindo a de independência. Assim, promove a interdependência das pessoas. Entre a família, a sociedade e o Estado. Interdependência entre o trabalho de mercado e o trabalho doméstico e de assistência.

No entanto, de acordo com Teixeira (2018), a economia feminista não tem uma definição geralmente aceita que em primeiro momento, procura cobrir todos os campos os quais podem ser estudados em economia, através de uma abordagem feminista.

A ideia de uma economia feminista origina-se através da necessidade de abordar temas e questões que as teorias dominantes não analisam apropriadamente. Sendo assim, o desenvolvimento da economia feminista, segundo Cadó e Furno (2020), caracteriza-se como críticas conceituais e epistemológicos da economia dominante. Além de outras críticas de outros setores da sociedade e da economia e lacunas que estão além das ansiedades conceituais, as quais avançam para se tornar um posicionamento político.

Tendo em vista a necessidade e a importância de uma economia feminista, o presente trabalho tem como principal objetivo realizar uma abordagem de entendimento da inclusão da mulher no mercado de trabalho com base na visão da teoria da economia feminista. Para tal finalidade, utilizou-se objetivos específicos que pretendiam conceituar a economia feminista. Apontar as críticas metodológicas da economia feminista e analisar o pensamento econômico feminista.

Logo, justifica-se a construção dessa pesquisa para contribuir com o meio acadêmico científico sobre a importância da compreensão do pensamento econômico feminista diante das teorias dominantes que ainda priorizam a visão masculina no centro das ciências econômicas. Deste modo, este trabalho irá somar com a literatura existente e poderá servir de consulta para novas pesquisas e explorações sobre o tema que apresenta sondagem e abordagem recentes.

## 2 METODOLOGIA

O trabalho é do tipo de pesquisa principal de revisão bibliográfica integrativa, que, de acordo com Gil (2019), é um tipo de pesquisa elaborada com base em estudos já publicados e tem como finalidade, segundo Fachin (2017), de conduzir o leitor à pesquisa de determinado assunto, proporcionando o saber; o objetivo é levar os leitores a investigar determinado tema; tendo como referência o período cronológico de 2014 - 2022, para discorrer sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho sob a perspectiva da teoria da economia feminista, sendo assim uma pesquisa de procedimento bibliográfica de abordagem qualitativa. Tornando-se apropriado também classificar a pesquisa de caráter exploratório, no qual possui o objetivo de obter mais familiaridade com o tema proposto através de demais estudos.

Foi, primeiramente, realizado um levantamento bibliográfico com o propósito de embasar o presente trabalho com informações confiáveis e fundamentadas em bases de dados como o Google Acadêmico, Scielo (*Scientific Electronic Library*), Periódico Capes e o NEEF (Núcleo de Estudos em Economia Feminista), onde foram avaliados ao todo 38 trabalhos acadêmicos, entre artigos, monografias e projetos; conforme a seguinte distribuição: 18 obras do Google Acadêmico; 11 obras do Scielo; 5 do Periódico Capes e 4 do NEEF. A partir de uma análise mais minuciosa e seletiva, foram selecionados entre os 38 apenas 10 que foram considerados pertinentes ao tema proposto; sendo assim, distribuíram-se em: 4 obras do Google Acadêmico, sendo: 2 artigos científicos, 2 monografias; 2 artigos do Scielo; 2 artigos do NEEF, e 1 periódico.

Após a coleta de dados realizada nas bases de informações e de conteúdos apropriados para o desenvolvimento do trabalho, executou-se a formulação e a apuração de informações que complementassem e fundamentassem o objetivo do artigo, determinando que fossem relacionadas à temática do trabalho, tendo como base explicações acadêmicas e científicas de forma a respaldar o conteúdo presente ao longo do artigo.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 ECONOMIA FEMINISTA: ORIGEM, DEFINIÇÃO E PROPOSTAS TEÓRICAS

A economia feminista é um campo importante da economia e da perspectiva política. Essa é uma ferramenta para a abordagem crítica usada por vários grupos feministas. Sua construção nasceu de uma combinação de produção acadêmica e luta pelos direitos das mulheres que se desenvolvem tanto no centro da educação como nas áreas de atuação política

feminista: Organizações Não-Governamentais (ONGs), movimentos sociais e associações de mulheres trabalhadoras (GRECCO; FURNO; TEIXEIRA, 2018).

Segundo Teixeira (2018), a década de 1950 assistiu o surgimento de estudos da “nova economia doméstica” que visavam responder à crescente presença da mulher no mercado de trabalho com base em modelos de utilidade, colaborando mais na manutenção e racionalização do *status quo* do patriarcado em relação ao estudo das mulheres preenchendo a lacuna teórica temporária. As fórmulas feitas só contribuíram para o atraso no desenvolvimento da economia feminista.

A economia feminista, segundo Cadó e Furno (2020), se aprimorou desde a década de 1970, na segunda onda, como desdobramento do progresso no centro dos movimentos feministas, onde se observava o problema das mulheres como consequência da falta de poder político e econômico, bem como o desenvolvimento de um campo teórico sociológico que moldou a ideia de divisão sexual do trabalho.

Segundo Teixeira (2018), Madden (1972) foi uma das primeiras economistas feministas que ousaram buscar uma revisão do modo narrativo do pensamento econômico com análises econômicas de cunho feminista.

No entanto, como argumentam Grecco, Furno e Teixeira (2018), a solidificação acadêmica da economia feminista pode ser analisada a partir da década de 1990, com a formação da *International Association For Feminist Economics* (IAFFE) e da revista *Feminist Economics*, além de uma série de livros, como "*Beyond Economic Man: Feminist Economics and Theory*", editado por Marianne Ferber e Julie Nelson (University of Chicago Press, 1993); "Mulheres e Economia. Novas Perspectivas para Velhos e Novos Problemas", organizado por Cristina Carrasco (editorial Icaria, 1999); e outras mais recentes, como "Com voz própria: a economia feminista como conjectura e aposta política", também organizada por Carrasco (La Oveja Roja, 2014). No entanto, embora a formação acadêmica seja relativamente nova, o trabalho da economista feminista começou na década de 1970, como mencionado anteriormente, quando se destacou o estudo de Barbara Bergmann (1973). Além de contribuições econômicas do século XIX que podem ser consideradas feministas, como as obras de Barbara Bodichon e Ada Heather-Bigg.

Segundo as autoras de Cadó e Furno (2020), a economia feminista não é uma escola de pensamento puramente econômica, portanto não pretende substituir abordagens mais tradicionais como marxista, marginalista/neoclássica ou institucionalista. Esta teoria centra-se num campo de investigação que procura não só integrar as relações de gênero, mas sobretudo problematizá-las e desafiar o paradigma androcêntrico que persiste nas várias vertentes teóricas.

Em outras palavras, não pode ser contraditório ser signatária da economia feminista e ser marxista, pois é através da visão marxista que tem sido possível desvendar a opressão, a violência sexual sofrida pelas mulheres e o estreito envolvimento entre as classes exploração e opressão de gênero. Neste viés, Carrasco (2018) destaca:

Ao longo do caminho percorrido nas últimas décadas, a economia feminista se caracterizou por propor rupturas com uma série de conceitos definidos a partir da economia oficial dominante; rupturas que não respondem a uma inquietação conceitual, mas sim a um posicionamento político: faz tempo que aprendemos que a definição e, portanto, a utilização que se faz de determinados conceitos não é neutra, mas apresenta uma grande tendência androcêntrica. Assim, debatemos e reconceituamos os termos trabalho, produção, tempo, cuidados, bem-estar, dependência, reprodução, só para nomear alguns. (CARRASCO, 2018, p. 32)

Cadó e Furno (2020) destacam que Becker, em 1965, foi o principal teórico a refletir sobre a classificação sexual do trabalho em meio aos autores marginalistas. Ele fez uso de conceitos da microeconomia para analisar as decisões sociais relacionadas às famílias. Assim, diante dos resultados da enquete que confirmaram a existência de desproporções sociais entre homens e mulheres, o autor torna possível a explicação pela conjectura do recurso humano e das decisões racionais. O termo “*homo economicus*” é usado para descrever origens empírica e historicamente frágeis.

### 3.2 PERSPECTIVA METODOLÓGICA PARA A ECONOMIA FEMINISTA

Grapard (1999 apud TEIXEIRA, 2018) considera que o descaso histórico exige uma avaliação de referencial teórico e prático em todas as escolas de pensamento econômico. Entre as economistas feministas, há um entendimento de que o estudo da economia até pouco tempo atrás era desconhecido. mas reconhece o papel do gênero em todos os contextos econômicos.

Assim, em suma, a economia feminista tem como teoremas fundamentais descobrir a relação intrínseca e necessária que existe entre trabalho de produção e reprodução social, bem como empreender uma análise crítica quanto ao desmascaramento das categorias econômicas da falsa neutralidade. Portanto, de modo geral, a economia feminista sugerindo uma ruptura com o atual paradigma econômico, não apenas acrescentando a categoria “gênero”, mas também problematizando-a radicalmente. Isso começa com intensas críticas à percepção de "economia" e ao conceito de trabalho. “Em outras palavras, as economistas feministas não oferecem uma combinação de simples análise de gênero e teoria predominante. É uma teoria na qual os instrumentos analíticos foram reinventados” (ALGOZ, 2018, p. 127).

Consequentemente, segundo Teixeira (2018), a economia feminista defende uma crítica metodológica abrangente da totalidade das disciplinas econômicas, bem como dos desafios

característicos de cada escola de pensamento. A economia feminista foi, portanto, muito influenciada pelos avanços da teoria feminista nas últimas três décadas. Nesse ambiente, para a maioria dos teóricos, o feminismo não é apenas uma perspectiva ou ponto de vista, muito menos uma epistemologia, como forma de conhecimento; é também uma ontologia, ou seja, um modo de se apresentar e estar no mundo. A autora ainda destaca que uma das contribuições mais importantes para as questões de metodologia, originada da filosofia da ciência, foram os trabalhos de Harding, entre 1986 e 1991, onde expressa que a crítica feminista levanta questões sobre estrutura social e uso da ciência, partindo de suas origens, das problemáticas e dos significados sociais. Tendo isso em vista, Harding analisa três perspectivas teóricas feministas relevantes para a economia feminista as quais influenciarão o método de ensaio. Desta forma, as três tendências ou as três epistemologias são:

- Empirismo feminista (*feminist empiricism*) – possui uma posição liberal à pesquisa, pretendendo reparar preconceitos de gênero na investigação. Além disso, utiliza de métodos tradicionais, especialmente, dos métodos quantitativos, e fundamenta-se na racionalidade e objetividade da ciência.
- Teorias do ponto de vista (*feminist standpoint*) – compõe-se como uma renovação da ciência, onde inclui experiências específicas das mulheres. Essas teorias observam que a definição das discussões econômicas tomadas como efetivas e vantajosas para serem investigadas, em maioria, é um reflexo do privilégio social e da posição econômica e política dos homens.
- Feminismo pós-moderno (*feminist postmodernism*) – sugere a existência de diversos pontos de vista feministas contraditórios e conflituosos. Ademais, implica o afastamento de noções unitárias de mulher e de identidade de gênero feminina e adota uma concepção complexas, como a construção de identidade social, além se incluir questões como idade, etnia e orientação sexual tão importantes quanto o gênero.

Teixeira (2018) salienta que essas perspectivas são tratadas pela economia feminista de acordo com suas próprias aspirações, ou seja, conforme se identificarem com seus propósitos. Não existe uma teoria ampla que possa unificar as feministas em torno de uma metodologia, no entanto, podem se aproximar e contribuir para construção de determinados argumentos na economia feminista.

### 3.3 INVISIBILIDADE DA MULHER NO PENSAMENTO ECONÔMICO

De acordo com Teixeira (2018), há ausência de enfoque nas relações sociais de gênero na exploração dos conceitos econômicos, onde economistas feministas vêm se esforçando para desenvolver estudos e pesquisas que objetivam enriquecer o pensamento econômico. É através deste olhar crítico para a reflexão conservadora que domina a ciência econômica que estão sendo desenvolvidos novos métodos que possibilitam a abordagem dos processos econômicos em circunstâncias dos agentes econômicos enquanto homens e mulheres

Ainda segundo a autora, baseando-se nos estudos de MacDonald (1984), MacFarland (1976) e Vandelac (1986), a combinação de restrições metodológicas e limites ideológicos existentes sobre o conteúdo e natureza da conjectura econômica denotou que os assuntos econômicos relacionados às mulheres só foram versados além da disciplina, especialmente por sociólogos que escaparam da hegemonia neoclássica. A contraponto, as economistas são forçadas a consentir o discurso dominante. Enquanto sujeito econômico, as mulheres são ignoradas e tiranizadas no domínio econômico predominante. Desta forma, isso valida e contribui paradoxalmente para manter a ilusão de neutralidade desse discurso.

MacDonald (1984 *apud* TEIXEIRA, 2018), ao analisar o comportamento das mulheres nas pesquisas econômicas, chega a conclusão de que não existe uma área específica na economia destinado ao estudo das mulheres. Contudo, no campo das ciências sociais, a ciência econômica é a mais dominada por homens e a que demonstra maior resistência em introduzir a questão das mulheres. Ou seja, trata-se de uma ciência extremamente resistente à evolução, insensível aos questionamentos, pouco aberta às questões epistemológicas ou pesquisas interdisciplinares, onde mesmo que a análise feminista venha sendo incorporada à economia, ainda é uma ciência social impermeável às questões feministas.

### 3.4 MERCADO DE TRABALHO: GÊNERO E DESIGUALDADE

A ciência econômica ortodoxa estabelece uma distinção clara entre tempo de trabalho e não-trabalho e durante o tempo dedicado ao trabalho produtivo, o trabalho oficial, que tem valor de troca e, conseqüentemente, recebe remuneração, e o tempo dedicado ao autocuidado, ao trabalho doméstico, ao trabalho familiar ou ao lazer e ao tempo livre, que não é recompensado. Por definição, a esfera econômica inclui apenas bens e serviços que correspondem ao conceito de produção e mercadorias. O conceito desse trabalho, adotado na economia tradicional, considera, por exemplo, na forma como o IBGE contabiliza a população ativa e o emprego

(IBGE, 2015). Segundo Fernández (2019), além da invisibilidade do trabalho doméstico como fator produtivo na economia, a assimetria de gênero pode ser aferida em outras áreas fora da esfera privada, como a ausência de uniformidade de oportunidades no mercado de trabalho ou mesmo a defasagem nos ganhos econômicos que as mulheres podem obter, o que é observado em comparação com os obtidos por indivíduos do sexo masculino com formação idêntica. Ainda, segundo as autoras nesse cenário há dois fenômenos inter-relacionados que fazem parte do estudo do ponto de vista feminista da economia. O primeiro centra-se na discriminação salarial ou no fenômeno do trabalho idêntico para salários desiguais. A segunda centra-se na discriminação de gênero no trabalho, que pode ser apresentado horizontalmente ou verticalmente. Os dois fenômenos que notam a discriminação estão intimamente ligados à posição da mulher como a principal responsável pelas tarefas domésticas e pelos cuidados, que é o outro aspecto da vida profissional de milhões de mulheres em todo o mundo. No entanto, segundo Fernandez (2019), o que realmente difere é a divisão do trabalho por gênero. O homem se estabelece como o principal provedor da subsistência e da reprodução econômica da família cabendo a ele o trabalho produtivo, economicamente remunerado, que é realizado em uma esfera pública, enquanto à mulher é atribuída o dever da reprodução física, tarefas domésticas, que se configura como trabalho privado e não remunerado. As operações avançadas dessa divisão do trabalho são naturalizadas e assumem, respectivamente, papéis masculinos e femininos.

### 3.5 DELIMITAÇÃO DA DIFERENÇA ENTRE ECONOMIA DE GÊNERO E ECONOMIA FEMINISTA

Segundo Teixeira (2018), nem toda investigação econômica sobre mulheres ou gênero precisa ser uma economia feminista. A economia feminista se baseia em uma crítica à supremacia masculina e na crença de que é possível transformar o discurso econômico. Por outro lado, os estudos de gênero são voltados principalmente para as mulheres sem geralmente se envolver em um exame crítico dos fundamentos de tais estudos.

Segundo Bohn (2017), quando a mulher é tomada como objeto de pesquisa há o caminho da caracterização do feminino como o negativo do masculino. Sendo essas distinções de gênero construções sociais. A partir daí, surgem dois tipos de pensamento feminista: um com enfoque na consecução da igualdade de gênero pela introdução da mulher como um igual entre pares na esfera masculina; e outro focado no reconhecimento da importância daquilo que é próprio da esfera feminina para a economia.



No entanto, embora as duas ideias estejam em extremos diferentes, elas se tornam compatíveis porque permitem liberdade em ambas as atividades para que ambos os gêneros possam atuar. Ainda de acordo com a autora, a concretização desse diferencial de visões se apresenta teoricamente na ciência econômica a partir dos trabalhos de Hewitson (2001) e Orozco (2005, 2006), onde há duas possibilidades de saídas no debate que gira em torno da equidade de gênero:

1. A economia de gênero – em que as diferenças sociais entre homens e mulheres são eliminadas mediante a manutenção do sistema econômico na forma como ele é compreendido, com a promoção da igualdade de oportunidades em espaços específicos. Trata-se, portanto, da extensão dos paradigmas da Ciência Econômica para uma nova área de análise.
2. A economia feminista – em que são necessárias mudanças na forma de entender o sistema econômico e seu funcionamento, com a reformulação do discurso androcêntrico (no caso da Economia Feminista de Conciliação – EFC), ou na ruptura do mesmo (característica da Economia Feminista de Ruptura – EFR). (BOHN, 2017, p. 41)

Deste modo, ainda de acordo com Bohn (2017), compreende-se que a Economia Feminista se caracteriza pela indagação dos conceitos de Economia e Trabalho, utilizando-se da desconstrução das divisões que apoiam o conceito econômico tradicional e a enaltecimento das atividades invisibilizadas historicamente. Além de interesses com fenômenos econômicos envolvendo mulheres que afetam homens e mulheres de forma diferente. Por outro lado, a economia de gênero é uma discussão apolítica e o objetivo nomeado “feminismo dócil” — que se concentra em analisar as diferenças na participação das mulheres e a discriminação local, uma economia tradicional que busca igualdade e oportunidades para mulheres e homens. Isso é alcançado por meio da participação igualitária das mulheres em áreas ocupadas por homens no passado.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a construção da base teórica do presente artigo percorrida nos tópicos anteriores, foram utilizadas 10 referências ao todo. Destas referências, foram selecionadas apenas 4 para compor os resultados expostos neste tópico, tais obras foram avaliadas como as que fundamentaram expressivamente o desenvolvimento do trabalho. Abaixo, na Tabela 1, estão dispostos os resultados de acordo com autores, ano, obra e considerações finais.

**Tabela 1** – Apresentação do levantamento bibliográfico com relação aos autores, ano, obra e considerações finais

AUTORES	ANO	OBRA	CONSIDRAÇÕES FINAIS
CADÓ; FURNO	2020	Mulheres frente à recessão econômica e a austeridade: uma interpretação da economia feminista	A economia feminista se apresenta como uma disciplina que busca reinterpretar a análise econômica clássica questionando os imperativos de objetividade e neutralidade e enfatizando que as decisões econômicas são postas de forma diferente nos sujeitos sociais, ou seja, a estrutura social influencia a economia e a economia intervém na realidade social. Assim, para as economistas feministas, a economia não é neutra, e a divulgação desse caráter permite uma apreciação melhor e mais precisa dos resultados das políticas econômicas.
FERNANDEZ	2018	Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros	Considerando o cenário e indo além críticas avassaladoras do paradigma. quer em termos de metodologia de investigação, quer em termos de abordagens teóricas. O ônus da economia feminista busca demonstrar a contribuição das mulheres para a economia. São estudos que olham a expansão do conceito de trabalho, incluindo o trabalho informal, o trabalho doméstico não remunerado (chamado trabalho invisível), a divisão sexual do trabalho na família buscando a inclusão reprodutiva como fundamento de nossa existência.
TEIXEIRA	2018	A economia feminista e a crítica ao paradigma econômico predominante	Existem dois métodos na economia convencional que definem a razoabilidade do comportamento. Uma orça a racionalidade como a consistência intrínseca da escolha. e outro identifica a racionalidade maximizando os próprios interesses. Além disso, o paradigma avassalador não reconhece a existência de ligação de poder social e econômico entre classes, raças e gêneros. ponderando essas hipóteses Economistas feministas desenvolver críticas aos métodos econômicos convencionais.
BOHN	2017	Inserção feminina na teoria e na prática: ensaios sob o olhar da economia feminista	As mulheres como sujeitos da economia não se opuseram ao <i>status quo</i> , mas ganharam visibilidade por meio da inclusão acrítica. Chamada de Economia de Gênero, a obra agrega a figura feminina à estrutura da economia previamente concebida e expande a disciplina para incluir experiências diferenciadas de gênero no mercado de trabalho. No entanto, a maioria dessas diferenças se deve ao fato de outras coisas serem iguais, que no círculo familiar é representado pela divisão sexual do trabalho. Percepção de viés androcêntrico e o novo modelo de base de conhecimento progressista é um fenômeno que, sob o nome de Economia Feminista, definiu uma crise econômica que se concentra em reconstruir a experiência das mulheres para compreender as interações sociais. Desse ponto de vista, é possível aceitar a hipótese de que, no grande déficit de produção que coloca as mulheres como sujeitos de investigação na economia, o trabalho sobre a economia feminista é ainda mais limitado.

Fonte: Autora, 2022

Cadó e Furno (2020) observaram que a economia feminista surgiu para contribuir na análise de uma problemática que não encontra reflexões nas teorias tradicionais, principalmente, no *mainstream* econômico. Não obstante, as correntes interpretativas que inserem a categoria gênero nas análises de seus estudos, são impossibilitadas de desvendar os “porquês”, somente reduzindo-se a esclarecer uma relação de desigualdade. Para a economia feminista, as estatísticas que diagnosticam a forma de vida de acordos econômicos entre homens e mulheres são insuficientes para esclarecer os pressupostos. As autoras também realçam que a economia feminista se concentra em críticas de dois conjuntos de correntes de representação dentro da ciência econômica. A primeira é uma direção referente à teoria ortodoxa, também conhecida como neoclássica. Reduzir o interesse em métodos matemáticos e econométricos sem questões históricas adequadas. Tornou-se uma teorização obscura sobre as relações sexuais, que são basicamente relações sociais, que impedia o consenso na interpretação. No entanto, em raras ocasiões em que questões de gênero são adicionadas, pessoas marginalizadas ou ortodoxas negligenciarão a análise histórica. A crítica a outras correntes econômicas baseia-se na percepção da invisibilidade do trabalho doméstico reprodutivo e na falta de uma relação fundamental com o produtor. A economia agrega valor econômico às atividades que produzem bens e serviços que se concentram exclusivamente na troca de bens. Portanto, toda a teorização econômica é quase exclusivamente dedicada à quantidade de trabalho, produtivo ou improdutivo, que cria mais-valia ou valor monetário e está associada à circulação do capital. Segundo as autoras Cadó e Furno (2020), a economia feminista defende a ideia de que todo trabalho no modo de produção capitalista tem um valor econômico, e a existência dessa qualidade não significa que o trabalho seja necessário, no caminho do comércio de mercadorias. Assim, o trabalho doméstico reprodutivo tem um valor econômico inestimável, comercializável ou não. No entanto, segundo Becker (1965), a família é a unidade microeconômica que toma decisões maximizando a função utilidade. Então a solução faz sentido, em que a atenção das mulheres está voltada para as tarefas domésticas, e a ênfase dos homens no trabalho produtivo. Essas decisões são influenciadas e explicadas pelas inquietações das mulheres sobre a diversificação do capital humano. Segundo Fernandez (2018), no mundo do trabalho, as diferenças de gênero são históricas. A medida que a participação das mulheres em cargos manufatureiros aumentou para substituir os homens durante a Segunda Guerra Mundial, ficou clara a diferença de rendimentos entre homens e mulheres pela realização de trabalho de igual quantidade e semelhante qualidade.

O mercado de trabalho é competitivo e os salários equilibrados são alcançados na intersecção das curvas de oferta e demanda de emprego. No entanto, a maioria das mulheres

está dividida entre casa, família e trabalho, tornando a escolha de exercer certas aptidões estreitas e desvantajosas para as mulheres em comparação com os homens. Nesse sentido, Teixeira (2018) expressa que a economia feminista acredita que uma economia monetária, de produção, depende da economia não-monetária, a chamada economia doméstica, por motivos óbvios, quando observamos que os salários pagos não são suficientes e o lar depende do trabalho realizado no âmbito doméstico e das relações afetivas, que não podem ser realizadas ou oferecidas no mercado de trabalho e são imprescindíveis para o ser humano.

Para Bohn (2017), a versão feminina do *homo oeconomicus* teria o papel crítico de dividir o foco entre mercado (esfera pública) e atividades domésticas (esfera privada) de modo a dignificar e ressignificar o trabalho não-remunerado realizados por bilhões de mulheres.

Dessa forma, rompe-se o equilíbrio de poder entre homens e mulheres estabelecido na economia tradicional, para isso envolve três estratégias: recuperação dos elementos invisíveis da economia, inversão das hierarquias entre as esferas da sociedade e desenvolvimento econômico. A autora continua a enfatizar que para dar oportunidade de reconsiderar disciplinas importantes, as duas mais importantes inversões da visão feminista da economia estão enraizadas em diferentes ontologias, apresentando-se assim como uma nova proposta metodológica. descrever em detalhes o campo aberto de investigação. Ontologicamente, abandona-se o panorama heteropatriarcal, hierárquico e dualista (homem versus mulher; trabalho versus não-trabalho, produção versus reprodução, etc) em detrimento de uma percepção de mundo que considere as diferentes formas de interação social, de modo que o sistema econômico pode ser considerado além parte produtiva, mas deve ser percebido como reflexo de uma perspectiva de reprodução e socialização.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da construção deste presente trabalho, chegou-se ao entendimento de que apesar da evolução da mulher diante da sociedade, no que diz respeito aos seus direitos, a ciência econômica ainda é dominada pelos homens e entre todos os campos das ciências sociais, essa é a que apresenta a maior resistência na incorporação da questão da mulher. Ainda nos dias de hoje, a mulher ainda é vista como uma figura doméstica, a qual possui como sua principal obrigação as funções do lar, como o cuidado com a casa. Tendo que se dividir entre a sua casa e o trabalho.

Além da jornada dupla, para as mulheres, há questão de menores oportunidades de emprego e a desigualdade salarial entre os gêneros, mesmo que exercem as mesmas funções e

competências, ocupem o mesmo espaço e trabalhem em cima do mesmo horário de expediente, ainda se apresentam como um fardo em suas vidas e que exige uma luta constante para se fazer presente.

A Economia Feminista ainda é uma ciência recente no cenário econômico, o seu pensamento econômico não apenas se fundamenta no trabalho lucrativo e produtivo, mas, sobretudo, avalia e se importa com as experiências específicas das mulheres, onde o trabalho doméstico também é valorizado e incorporado na economia.

Portanto, para as economistas feministas, a economia não é neutra, o que estabelece que a economia feminista amplia o conceito de trabalho e expõe que não apenas a esfera do mercado que detém a força de trabalho e produz valor monetário. Assim, afirma-se que os fatos sociais que subalternam o que é ser homem, o que é ser mulher se apresentam como a principal sustentação para a separação trabalho reprodutivo e produtivo e a estrutura do mercado de trabalho de acordo com essas características. Sendo assim, a consolidação total desse pensamento econômico ainda está muito longe de acontecer, já que as teorias dominantes ainda continuam fortes e ditam as regras no mercado.

## REFERÊNCIAS

BOHN, L. **Inserção feminina na teoria e na prática: ensaios sob o olhar da economia feminista**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

CADÓ, I. L.; FURNO, J. da C. **Mulheres frente à recessão econômica e a austeridade: uma interpretação da economia feminista**. Textos de Economia, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 23, n. 1, p. 1-30, 2020. ISSN 2175-8085.

CARRASCO, C. **A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução**. In: Dossiê Economia Feminista. Revista Temáticas, Campinas, v. 26, n. 52, p. 23-30, 2018.

FACHIN, O. **Fundamentos da Metodologia Científica: noções básicas em pesquisa científica**. São Paulo: Saraiva, ed. 6ª, 2017.

FERNANDEZ, B. P. M. **Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros**. Revista de Economia Política, v. 38, n. 3, p. 559-583, 2018.

FERNANDEZ, B. P. M. **Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista: por que as iniquidades persistem?**. Revista Cadernos de Campo, n. 26, p. 70-103, 2019.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, ed. 6ª, 2019.

GRECCO, F., FURNO, J. da C.; TEIXEIRA, M. O. **Apresentação. Por uma ciência**

**econômica feminista.** In: Dossiê Economia Feminista. Revista Temáticas, Campinas, v. 26, n. 52, p. 23-30, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. IBGE, Rio de Janeiro, 2015.

TEIXEIRA, M. O. **A economia feminista e a crítica ao paradigma econômico predominante.** Revista Temáticas, v. 26, n. 52, p. 135-166, 2018.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Para entender a economia feminista e colocar a lógica da vida em primeiro lugar.** SOF, Cartilha, São Paulo, 2014. Disponível em: < <https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/08/cartilhaEconomiaFeminista-web.pdf> >. Acesso em 02 set. 2022.